



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novare libelli  
Percere personis, dicere de vitis.*

Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Qual he pior n'hum povo: a superstição, ou a incredulidade?*

Bem longe estou de aprovar a superstição, que não he outra cosa mais, do que huma falsa ideia da efficacia de certas práticas religiosas, abraçadas por temor, ou esperança. Mas he de advertir, que huma grande parte dos nossos philosophantezinhos d'orelha, desconhecendo a verdadeira significação dos termos, confundem tudo, e bautizão em superstição o culto das imagens, as reliquias, as preces da Igreja, e qual quer acto de devoção, e piedade. Esses senhores tem a bocca sempre cheia de moral: não fallão, senão na boa moral; mas essa sua moral tão gabada he a do Barão d'Holbae, de Diderot, e mais sucia ante-Christã, moral fundada no egoismo, moral de calculo, como a entende Jeremias Bentham, moral finalmente d'espertalhões, e velliacos, e que nunca poderá ser a moral de hum povo.

Em verdade se a regra das acções humanas consistir unicamente em os calculos de utilidade propria, donde pro-

virá a noção de dever? O calculo pertence ao entendimento; o dever porém diz respeito á vontade: e se toda a moralidade das nossas acções cifra-se no calculo; o maior ladrão, o mais furioso assassino &c. não devem ser tidos por perversos, nem punição merecem, toda vez que os seus maos feitos nascerem de hum erro de calculo; pois ninguém dirá, que deva ser castigado aquele que não acertou com a solução d'hum problema d'Arithmetica. D'aqui a doutrina corrente desses materialistas, e atheos, que não existem leis naturaes, que virtude, e vicio não existem, senão por convenção dos homens. Mas a Razão universal, e a experiência de todos os séculos sobejamente tem demonstrado, que pretender fundar a moral d'hum povo em outra base, que não seja a Religião, e esta positiva, he hum sonho, he hum devaneio, he huma chimera. Só a ideia d'um Deus creador, Omnipotente, e justiciero pode impor obrigação ao homem.

Não há memoria d'hum só povo sem tal, ou qual Religião, e igualmente sem

superstição; porque he proprio da fraqueza humana o exagerar tudo. Hum povo composto de individuos todos desabusados, e bons pensadores he cosa, que nunca se vio, nem se verá; e consequentemente mais, ou menos superstição sempre se dará no mundo, em quanto nesse existirem homens, e Religião. O povo relativamente a esta pode de comparar-se ao vidro, em o qual forçoso he, permanecão algumas manchas sob pena de o fazer estalar aquelle que o pretender limpar de toda, e qual quer nodos. Tal he a sorte da especie humana; que ainda no gozo do maior bem deste mundo tem de ser sujeita a inconvenientes, e males.

Se a superstição pois he para os povos hum mal inevitável, como assim o demonstrão os fastos ainda dos mais cultos, e civilizados, resta-nos saber qual he pior, se a superstição, se a incredulidade. Sem temor de erro eu ouso afirmar, que esta he muito pior, que aquella, e para o provar, além dos argumentos de puro raciocínio, ser-me-á de sobejó recorrer aos factos da sempre memoranda Revolução Franceza. A superstição he crença demasiada, a incredulidade he ausencia de toda a crença: o Supersticioso tem hum motivo tem que errado, que dirige as suas ações; o incredulo rejeita todo, e qual quer motivo, que não seja o seu egoísmo: o supersticioso teme, e espera de mais; o incredulo nem teme, nem espera além desta vida: o supersticioso, dominado d'enthusiasmo, he capaz de praticar ações da mais heroica virtude; o incredulo, meramente guiado pelo interesse, he gelado, e frio, como o cimento; finalmente em quanto o enfermo conserva accessos de febre, ainda tem principios de vida, ainda dá alguma esperança de escapar; mas logo que lhe desaparece de todo a febre, e o corpo cahe em profunda languidez, a gangrena já o tem invadido, e não há mais esperança de vida. O primeiro caso está

o supersticioso, no segundo o incredulo. De muito que a seita Voltairiana, e Encyclopedista trabalhava por desplantar a Religião sancta do Crucificado, substituindo-a pela incredulidade mosadora do mesmo Voltaire, pelo Deismo misantropo de Rousseau, e a final pelo cego, e brutal materialismo de Diderot, de La Mettrie, d'Holbach, Helvecio, &c. &c. Para esse infernal designio não se pouparão escriptos de todo o genero, des d'os livros in folio até o mais pifio livreco, des d'as obras didáticas até os contos, os romances, e as mais futeis novellas. Quem combatia a Revelação em sua fonte; quem impugnava os Mysterios; quem sustentava a impossibilidade das profecias, e milagres; quem apodava as ceremonias, e práticas da Igreja, tachando-as de superstição indigna das luzes do seculo; quem finalmente atrevia-se ao mesmo Deos, negando-lhe a existencia, profanando a crença universal d'humana vida futura, de penas, e recompensas, &c. &c.

A propria Academia Franceza professava o Atheismo. O famoso Bernardin de Saint-Pierre, encarregado d'hum relatorio ao Instituto sobre a solução d'humana questão de moral, aventurou-se a proferir o nome de Deos, "Hum grito de furor se levantou de todas as partes no salão: hums o motejavão, perguntando-lhe onde vira Deos, que figura tinha &c.; outros se indignavao da sua credulidade; os mais pacíficos atiravão-lhe chascos mosadores, ou o denominavao homem fraco, e supersticioso; alguns ameaçavao-o com a expulsão de huma sociedade, de que elle se fazia indigno, e até houve quem o desafiasse a duello a fim de lhe provar com a espada na mão, que não existia Deos... Assim o publicou o mesmo Saint-Pierre em suas obras completas T. 1º pag. 243.

De balde o famoso Orador da Revolução, o valente Mirabeau, vendo, que a impiedade, e a anarchia se querião prevalecer do seu nome, exclamáo

„ Confessemos, Srs., á face de todos os povos, e de todas as nações, que Deus he tão necessário, como a liberdade, ao povo Francez; e plantemos o signal augusto do Christianismo sobre o cume de todos os departamentos. Não se nos impõe o crime de havermos querido estancar o ultimo recurso da ordem publica, e apagar a derradeira esperança da virtude desgraçada.,, A incredulidade foi por diante, e pela primeira vez viu o mundo horrorizado o sanguinolento, e monstruoso imperio do Atheismo. E o que sucedeo? Abriu-se as paginas da Historia, e os factos falharão por mim.

O culto Catholico perseguido por ui-  
vos obrenos nas ruas, nas estradas nos  
passeios, torna-se objecto das farsas mais  
burlescas, e ridiculas, e em quanto a  
apostasia levanta a sua horrivel cabeça,  
homens disfarçados em busos parodião  
nos pateos das Igrejas as sanctas ceremo-  
nias da Missa. Os livros sanctos, os or-  
namentos sagrados, tudo foi despeda-  
çado, queimado, ou afogado no Sena.  
Ali foi lançado hum Crucifixo, que era  
hum primor d'obra. O Voltairianismo,  
que das pontes, e caes se deleitava em  
contemplar tamanha abominação, ven-  
do, que as ondas levavão este signal ad-  
orável da nossa redenção, desatou  
a tir com grande alacridade, abanou  
com a cabeça, e disse orgulhosamente  
á multidão - Vede como as ondas o ar-  
rastrão. O Christianismo he cosa,  
que já passou -

„ A liberdade religiosa foi violada (diz o respeitavel Guizot) as cruzes in-  
sultadas; quanto nossos pais adoravão,  
quanto ainda hoje veneramos, tudo foi  
entregue á destruição, e ao ultraje. Os  
Catholicos (e estes são mai- numerosos,  
que antes de 14 de Fevereiro; porque  
todo o homem de bem lembra-se da  
sua Religião, quando a vê ultrajada) os  
Catholico, são inquietados, e per-  
seguidos por toda a França.,,

As maximas do Philosophismo já do-

mináraõ a França, a peste da incredulí-  
dade lavrou por toda a parte. O culto  
religioso foi inteiramente prescripto, o  
Redemptor do Mundo, o proprio Crea-  
dor dos Ceos, e da terra foi eliminado  
das ideias do povo, erigindo se em seu  
lugar o culto burlesco da Deusa Rasão :  
e o que foi, que se seguiu deste triunfo  
momentaneo da incredulidade? Dissol-  
verão-se todos os laços sociaes, soltarão-  
se as paixões, os crimes mais horroro-  
sos perpetravão-se como por heroísmo,  
o vicio passou a ser virtude, a virtude  
hum crime, as mais doces affições pu-  
nidas de morte: hum delírio furioso as-  
senhou-se a dos animos, e só domi-  
navão o Atheismo, e o carroesco !

No meio desta desordem geral, quan-  
do tudo se afogava em rios de sangue  
Robespierre, o proprio Robespierre ou-  
sa levantar o grito de alarma contra  
tantos horrores, filhos legítimos da in-  
credulidade, e do alto da tribuna assim  
se exprime a respeito dos impios des-  
truidores de todo o culto religioso.

„ Eilles erigirão a imoralidade não só  
em sistema, como tambem Religião:  
buscarão extinguir já com preceitos, já  
com os seus exemplos todos os sentimen-  
tos generosos da natureza. O mal dese-  
jára em seu coração, que hum só ho-  
mem de bem não fosse sobre a terra,  
a fim de não encontrar hum só accusa-  
dor, e poder respirar em paz. Taes ho-  
mens farão esquadriñar nos espíritos,  
e nos corações tudo, que serve de sus-  
tentaculo á moral para o arrancar, e  
síffacar o accusador invisivel, que a  
natureza ali oceoltou. Nós ouvimos  
(quem acreditará em tanta impudencia?) o  
traidor Gaudet em huma sociedade  
popular denunciar a hum cidadão por  
haver pronunciado o nome de Providen-  
cia. Ouvimos algum tempo depois He-  
berl acusar outro; por haver escripto  
contra o Atheismo. E não forão, Srs.,  
Vergniau, e Gensonné, que em vossa  
mesma presença, e nesta tribuna per-  
farião calorosamente para que se elimi-

nasse do preambulo da Constituição o nome do Ente Supremo? Elles abraçavão com transporte hum systema, que confundindo o destino dos bons, e dos maos, não deixa entre estes outra diferença mais, do que os favores incertos da fortuna, nem outro arbitrio fóra do direito do mais forte, e do mais astuto. Vós, que verteis lágrimas sobre o tumulo d'hum filho, ou d'uma esposa, sois consolado por aquelle, que vos diz, que desses caros objectos não resta mais, do que hum pó despresivel? Desgraçados, que espiraes sob os golpes do assassino, o vosso ultimo suspiro de huma appellação á justiça eterna. A innocencia no cadafalso faz empaledecer o tyranno em seu carro de triunfo. E teria ella este poderio, se o tumulo nivellasse o oppresor, e o opprimido? Com que direito, miseravel sofista, vens arrancar á innocencia o sceptro da razão para o pôr nas mãos do crime, lançar hum véo funebre sobre a natureza, desesperar o desgraçado, regosijar o vicio, contristar a virtude, degradar a humanidade? Se a existencia de Deos, se a immortalidade d'alma não fossem mais, que hum sonho, ainda assim seria a mais bella concepção do espirito humano. , ,

A medida dos crimes, e horrores estava cagulada: a França era hum vasto theatro de perversidades inauditas: os homens já estavão cansados de tanta immoralidade, fructo da irreligião, quando o honrado Portalis no seio do Corpo Legislativo levantou a voz, e fez ouvir as seguintes salutares verdades, que sempre o forão, e serão, em quanto existir o mundo. , , Escutemos a voz de todos os cidadãos honestos, que nas assembléas departamentaes tem exprimido o seu voto a respeito do que se passa a dez annos debaixo dos seus olhos-- He tempo ( dizem elles) de se calarem as theorias diante dos factos. Não há instrucção sem educação, e não há educação sem Moral, e Religião. Os Professores tem ensinado no deserto; porque loucamente se proclamou, que

2

não se devia fallar em Religião nas escolas. Na dez annos, que não se dá instrucção entre nós: sempre p'ris, que tornemos a Religião por base da educação. Os meninos estão entregues á mais perigosa educação, e ao mais infesto esregamento. Vivem destituidos da ideia da Divindade, e sem a mais leve noção do justo, e do injusto. D'ahi costumes barbaros, e horribveis; d'ahi hum povo feroz -- Assim a França chama a Religião em socorro da moral, e da sociedade. , ,

E querem-se provas mais completas, e caudas dos terríveis efeitos da incredulidade? Esta chegou em França ao ultimo apuro: hum Decreto da furibunda, e infernal Convención definitivamente declarou, que não existia Deos!!! E quaes forão os fructos de taes doutrinas? Crimes nunca vistos, horrores nunca imaginados, o povo mais culto da Europa commeter atrocidades, que já mais occorrerão aos Vandalos, e aos proprios Canibas.

Creio pois haver incontestavelmente demonstrado, que dos dous extremos, isto he; da superstição, e da incredulidade, esta he muito pior, que aquella. Hum povo supersticioso (é qual o que o não he mais, ou menos?) espera, e teme a'guma cousa além desta vida: mas hum povo incredulo desconhece a immortalidade d'alma, nada aguarda, ou receia do Supremo Juiz, cuja existencia desconhece; não tem freio, que o reprema, hum povo d'incredulos em summa he hum covil das feras mais sanhudas, e deshumanas, do que temos horroroso exemplo na França em os dias medonhos da Revolução. Concedo de barato, que já por temperamento, já por educação possa haver hum, ou outro atheo, que seja de bons costumes: taes dizem ter sido Spinoza, e Hobbes: mas hum povo de incredulos, hum povo de impies he o imperio dos crimes, he o inferno incarnado: o proprio Voltaire, que tinha seus lucidos intervallos, dizia, que nem o seu criado elle quereria, que fosse ateo; e se por tal o descobrisse, immediatamente o poria no meio da rua.

Concluirei afirmando com a autoridade da Historia, que hum povo religioso he o unico capaz de ser livre, e de chegar ao fastigio da prosperidade; e deste principio incontroverso facil he inferir, que somma de males pode produzir, e infelizmente tem produzido, a lição desses livros, que a titulo de philosophicos, e desabusados, propinão em tassa dourada o veneno da incredulidade. Ah! d'aquelle, que se enfascou em taes leituras na idade das paixões; porque tarde, ou nunca perderá o voto para a impiedade, á maneira do vaso, que primeiro servio para certas essencias aromaticas, que nunca mais deixa de conservar o cheiro primitivo.